

O Ressurgimento da Escola Austríaca e a Teoria de Processo de Mercado

Fábio Barbieri*

Resumo: O objetivo deste artigo é investigar algumas contribuições à teoria de processo de mercado feitas pelos principais economistas da Escola Austríaca desde o seu ressurgimento na década de setenta do século XX. Inicialmente define-se o problema tratado pela teoria de processo, usando o que é conhecido como o “problema do conhecimento” de Hayek, derivado de sua crítica ao conceito neoclássico de equilíbrio. A partir disso, estudam-se as contribuições de dois autores principais do ressurgimento da escola, Ludwig Lachmann e Israel Kirzner. A investigação privilegia o estudo das implicações do subjetivismo para a teoria do processo de mercado do primeiro e a teoria da atividade empresarial do segundo. Segue-se com o debate ocorrido na década de oitenta que confronta as idéias desses dois autores a respeito da existência de uma tendência ao equilíbrio de mercado. A obra dos autores, o debate entre eles e as contribuições posteriores são analisadas sob o ponto de vista da epistemologia evolucionária de Popper.

Palavras-chave: Hayek, Lachmann, Kirzner, Escola Austríaca, competição.

JEL: B25, B53.

1. Introdução

O objetivo deste artigo é interpretar a controvérsia em torno da teoria do processo de mercado entre os chamados economistas neoaustríacos. Nesta seção introdutória trataremos do ressurgimento da Escola Austríaca a partir da década de setenta do séc. XX. Em seguida exporemos o problema – conhecido como “o problema do conhecimento de Hayek” – que informa as teorias dos dois principais autores envolvidos nessa controvérsia, Ludwig Lachmann e Israel Kirzner. As duas seções

* Professor da Universidade de São Paulo; Avenida dos Bandeirantes, 3900 Monte Alegre, 14040-900 - Ribeirão Preto, SP – Brasil; fbarbieri@usp.br.

seguintes tratam de algumas contribuições desses dois autores, que podem ser vistas como respostas diferentes ao mencionado problema de Hayek. Na seqüência, estudaremos a tensão entre essas duas respostas que ocorreu no debate da década de oitenta a respeito da preponderância das forças equilibradoras (Kirzner) ou desequilibradoras (Lachmann). Na última seção, forneceremos uma síntese popperiana dessas posturas, que consiste na defesa de uma abordagem evolucionária para a Escola Austríaca (EA).

A EA, que teve seu apogeu na década de trinta com a ida de Hayek à *London School of Economics*, sofreu um declínio de popularidade a partir da revolução keynesiana. As teorias austríacas caíram no esquecimento e sofreram ataques em diversas frentes. Hayek, por exemplo, participou de controvérsias com Knight, Lange, Sraffa, Kaldor e Keynes. A abordagem austríaca se opunha ao espírito da época tanto em termos políticos quanto metodológicos: não só as crenças liberais de seus autores, mas também a rejeição do nível de agregação, de formalismo da teoria moderna e do conseqüente uso da estatística em favor do subjetivismo e do individualismo metodológicos contribuíram para o declínio. Além disso, houve uma dispersão da escola com o advento da Segunda Guerra Mundial. Mises foi para Nova York, onde não encontrou uma posição acadêmica, Lachmann migrou para a África do Sul e Hayek passou a lecionar na Universidade de Chicago; não no departamento de economia, no qual despertava rejeição, mas no departamento de ciências sociais, no qual passou a se concentrar em questões filosóficas e teorias sociais mais amplas.

Ao longo das décadas seguintes, contudo, ocorrem as condições para o ressurgimento da EA. A unanimidade em torno do planejamento central e da administração macroeconômica keynesiana se rompe. A teoria do equilíbrio geral dá sinais de esgotamento, os excessos do formalismo descolam a teoria dos problemas reais. Surge então um interesse por questões metodológicas, abrindo espaço para todo tipo de abordagens alternativas, inclusive a austríaca.

O ressurgimento da EA na década de setenta ocorreu nos Estados Unidos. O evento que marcou esta revitalização da economia austríaca foi uma conferência ocorrida em 1974 na cidade de South Royalton,

que reuniu as três figuras principais da EA moderna: Lachmann, Kirzner e Rothbard (VAUGHN, 1998). Presentes no seminário estavam vários economistas que atualmente lideram o movimento austríaco, como O'Driscoll, Rizzo, White, Garrison, Lavoie e Vaughn, entre outros. A conferência, que resultou em um livro (DOLAN, 1976), foi seguida por outra (SPADARO, 1978). Desde então, vários livros foram publicados e algumas universidades passaram a oferecer cursos em economia austríaca, como as universidades de Nova York, George Mason e Auburn, nos Estados Unidos. Economistas em outros países também realizam conferências e editam livros sobre o assunto. Hoje em dia existem dois jornais especializados e uma crescente literatura publicada na área.

O ressurgimento da EA, apesar do referencial teórico comum, foi marcado por marcantes diferenças de opinião entre seus principais proponentes, diferenças essas que deram origem à três subcorrentes dentro da escola. O nosso texto analisará, sob um ponto de vista metodológico, o principal ponto de discórdia entre duas dessas correntes. Para realizar tal tarefa, devemos antes expor o problema investigado pela teoria de processo de mercado que dá origem às diferenças mencionadas.

2. O Problema do Conhecimento de Hayek

Para entender a teoria do processo de mercado desenvolvida pelos austríacos modernos, precisamos partir do problema do conhecimento de Hayek.¹ Esse problema surge em um conjunto de artigos nos quais o autor (HAYEK, 1980) reflete sobre o significado dos conceitos de equilíbrio e competição.

O problema econômico posto pela escola neoclássica é tradicionalmente descrito como a alocação de recursos escassos a fins alternativos (ROBBINS, 1932). Partindo-se do conhecimento dos fundamentos da economia (disponibilidade de recursos, das tecnologias e das preferências), acha-se um conjunto de preços de equilíbrio que aloca recursos de forma eficiente. Quando os meios e os fins são imaginados por um único agente, o problema alocativo pode ser visto como um problema puramente lógico ou matemático de maximização. Mas em uma socieda-

de avançada, com extensa divisão do trabalho, o conceito de equilíbrio envolve compatibilidade entre os planos dos agentes. Mas nesse caso, grande parte dos dados considerados por cada agente não mais consiste em algo subjetivo, imaginado pelo agente. O plano de ação de cada agente, por exemplo, deve levar em conta os planos dos demais, que por sua vez podem ter opiniões diferentes sobre quais são os fundamentos da economia. Sendo assim, como garantir que os “dados” sejam vistos por todos da mesma maneira? Se o conhecimento dos agentes for falível e dependente da interpretação de cada um, como evitar a incompatibilidade de planos?

A teoria neoclássica contorna o problema transformando os dados em entidades objetivas, por meio da hipótese de conhecimento perfeito. Por outro lado, para Hayek, o verdadeiro problema que a teoria econômica deve enfrentar é investigar a maneira como os dados subjetivos de cada agente se aproximam ou não ao longo do tempo dos reais fundamentos da economia. Deve-se então *explicar* o surgimento da coordenação entre agentes em uma economia descentralizada e não assumir o equilíbrio e estudar suas características.

Esse problema é denominado o Problema do Conhecimento de Hayek. A teoria de processo de mercado assume assim um caráter epistemológico: o conhecimento dos agentes é subjetivo e conjectural. Pretende-se saber em que condições ocorre um processo de correção de erros de modo a que tais conjecturas se aproximem ou não da realidade.

Esse conhecimento dos agentes não deve ser confundido com o conhecimento do economista. Enquanto este é teórico, feito por simplificações objetivas, aplicáveis à todos os casos em abstrato, o primeiro consiste em conhecimento altamente localizado no tempo e no espaço, disperso entre os agentes. Boa parte desse conhecimento sequer é articulado, consistindo em conhecimento tácito de cada agente a respeito de mercados locais, fruto do seguimento de regras de comportamento que evoluíram por tentativas e erros. Para Hayek, a teoria econômica deve estudar como no mercado ocorre de forma descentralizada a adaptação em tempo real às contínuas mudanças nas condições particulares de tempo e local, adaptação essa que supõe teorias de crescimento do conhecimento dos agentes.

Tendo em vista o problema do conhecimento, o valor da competição para o funcionamento dos mercados não repousa na possibilidade de obtenção de um equilíbrio eficiente. A atividade competitiva de rivalidade empresarial é necessária para que se descubram novos meios de atingir certos fins. O conhecimento sobre novos usos ou fontes de recursos, novas tecnologias, novas formas de atender as necessidades através de outros produtos não são dados, mas é fruto do processo competitivo. A teoria da competição perfeita, porém, ao se concentrar no estado final de equilíbrio, assume esse conhecimento como dado e exclui a atividade competitiva necessária para que esse conhecimento exista. Pior ainda, considera qualquer atividade de rivalidade como sinal de falta de competição. Para Hayek (1978), o mercado deve ser visto como um mecanismo de descoberta de possibilidades não imaginadas anteriormente. A contabilidade de lucros e prejuízos auxilia na eliminação de conhecimento empresarial incompatível com os reais fundamentos da economia e permite que se obtenha algum grau de coordenação das atividades econômicas.

O problema do conhecimento de Hayek convida então ao desenvolvimento de uma teoria de processo de mercado que investigue como e em que condições podemos pressupor ou não uma tendência ao equilíbrio a partir de agentes que possuem conhecimento local, limitado e apenas conjectural. Sobre esse problema se debruçará tanto Lachmann quanto Kirzner, como veremos em seguida.

3. Ludwig Lachmann²

Ludwig Lachmann sucedeu Hayek no desenvolvimento da EA. A obra de Lachmann pode ser dividida em duas fases, a primeira marcada pela sua contribuição à teoria austríaca do capital (LACHMANN, 1956) e a segunda caracterizada pelas suas idéias referentes ao papel das expectativas, metodologia e sua teoria das instituições (LACHMANN, 1971, 1986). Enquanto na primeira fase o autor apresenta uma descrição do processo de mercado próxima da de Hayek, acreditando na preponderância das forças equilibradoras neste processo, na segunda fase – marcada pelo seu

subjetivismo radical – Lachmann, levado por suas idéias sobre expectativas e metodologia, enfatiza as forças desequilibradoras e nega a utilidade da noção de equilíbrio de mercado.³

Na teoria austríaca do capital, a produção está distribuída no tempo através de etapas. Cada bem de capital é heterogêneo, pois ocupa uma posição específica nesse processo temporal; não se pode realocar de qualquer modo as unidades de capital. Por isso, o capital é representado como uma estrutura, não como um agregado homogêneo.

A contribuição de Lachmann à teoria reside no estudo das mudanças da estrutura do capital em situações de desequilíbrio, advindas de mudanças inesperadas. É, portanto, um estudo de processo de mercado e não de estados de equilíbrio e envolve a ênfase no subjetivismo austríaco: cada bem de capital não é apenas um elemento de um estoque, mas algo que só faz sentido em termos de um plano de ação de algum agente.

Na análise por processo, mudanças inesperadas levam à frustração das expectativas que moldam os planos. O fracasso dos planos leva à sua revisão e ocorre o que Lachmann denomina *reagrupamento do capital*. Conforme o tempo passa e ocorrem mudanças nos planos, os bens de capital são alocados a usos diferentes daqueles imaginados originalmente. Os bens de capital reagrupados são como “fósseis” de planos anteriores: palácios de mercadores viram hotéis e teatros viram cinemas (1956:3 e 38). A teoria do capital estuda o reagrupamento do capital tanto no crescimento econômico, que envolve a adoção de uma estrutura do capital cada vez mais complexa quanto nos episódios de flutuações econômicas.

Como a estrutura do capital se altera continuamente, o agente está sempre formulando expectativas sobre o que ocorrerá no futuro. Lachmann, da mesma forma que Hayek, acredita que a revisão de planos não deve ser modelada mecanicamente, mas estudada segundo a evolução do conhecimento dos agentes. No entanto, o crescimento do conhecimento – relacionado com a confecção e revisão dos planos – não segue nenhum padrão pré-estabelecido, ou seja, não se pode prever estados futuros de conhecimento, e portanto as expectativas, moldadas pelo conhecimento dos agentes, não são determinadas pelos “dados” do problema. A primeira solução do problema do conhecimento de Hayek apresentada por Lachmann traça um paralelo explícito entre aprendizado científico e empresarial:

O homem de negócios que forma uma expectativa está fazendo precisamente o que um cientista faz quando ele formula uma hipótese. Ambas, expectativas empresariais e hipóteses científicas, servem ao mesmo propósito; ambas refletem uma tentativa de aprendizado e orientação em um mundo imperfeitamente conhecido, ambas contêm conhecimento imperfeito a ser testado e melhorado por experiência posterior (LACHMANN, 1956:23)

A solução proposta lembra a filosofia de Popper, pois enfatiza tanto o caráter conjectural e falível das hipóteses quanto a existência de um mecanismo de correção de erros. Da mesma forma que a crítica leva ao aprendizado, o mecanismo de lucros e perdas no mercado traria coerência aos elementos cambiantes da estrutura do capital. De fato, em *Capital and its Structure* Lachmann acredita na preponderância das forças equilibradoras no processo de mercado. Essa crença, porém, será revertida em obras posteriores, nas quais o pensamento de Lachmann se aproxima daquele de seu amigo George Shackle, autor chave do pensamento pós-keynesiano.

A guinada na carreira do autor pode ser explicada por considerações metodológicas. Ainda ecoando Popper (1980), Lachmann salienta que a previsão de estados futuros (expectativas corretas) é impossível em Economia, pois como as ações no futuro dependerão do conhecimento dos agentes no futuro, é logicamente impossível saber hoje qual será esse conhecimento, do contrário esse conhecimento seria presente, não futuro. *Ergo*, se levarmos em conta o elemento subjetivo do conhecimento dos agentes, o futuro não pode ser conhecido *ex ante*. Lachmann enfatiza assim as expectativas divergentes; cada pessoa formulará hipóteses diferentes sobre o futuro, baseadas em seu incerto conhecimento subjetivo.

O próximo passo no raciocínio, porém, afasta o autor da filosofia popperiana. As expectativas, por não constituírem conhecimento certo (provado ou justificado, seja *a priori* ou empiricamente), não se aproximam das realidades subjacentes e, portanto, não se pode esperar que se alcance um estado de equilíbrio visto como compatibilidade de planos. Como na filosofia posterior a Popper, a impossibilidade de obter

conhecimento certo, provado, seja por confirmação ou por refutação, diminui a crença na eficácia da crítica. Para Popper e Hayek, em contraste, pode haver um processo de aprendizado sem que o conhecimento seja provado como certo. Para eles, o conhecimento é sempre hipotético e existe progresso quando existe um mecanismo de correção de erros, mesmo sendo esse mecanismo imperfeito. Para um autor popperiano, a possibilidade de refutação de uma refutação convidaria assim a mais atividade crítica e não a proteção das idéias de críticas falíveis. Lachmann (1986), em contraste, em sua segunda fase procura negar a eficácia de um sistema de correção de erros e nega também a existência das próprias realidades subjacentes, apontando para a volatilidade dos dados e enfatizando a incerteza radical que envolve as decisões criativas dos agentes: o constante fluxo de mudança na economia impede que haja tempo para que o mecanismo de correção de erros dado pelos lucros e perdas traga a convergência das hipóteses empresariais à realidade. Adicionalmente, de qualquer forma, os meios e fins não existem objetivamente antes do processo de mercado, mas são imaginados, criados, durante o mesmo.

Se previsão em economia é impossível, que caminho um economista deveria seguir? Lachmann propõe a metodologia hermenêutica: embora não possamos prever o futuro, que dependerá dos planos de ação dos indivíduos, podemos olhar para as ações passadas e buscar inferir a partir delas quais foram as intenções subjetivas dos mesmos. *Verstehen* (compreensão) seria o método adequado para a Economia, substituindo-se porém a noção weberiana de tipo ideal pela noção misesiana de plano de ação (LACHMANN, 1971).

Em seu último livro, Lachmann (1986) de fato trilha esse caminho proposto, procurando identificar por observação os diferentes tipos de mercados e tipos de agentes que operam nos mesmos (arbitradores, produtores, seguradores) bem como as instituições formais e informais que guiam o processo de formação de preços nos mercados, buscando uma descrição mais realista do funcionamento desses mercados. Essa proposta, contudo, resvala em uma abordagem historicista. Como o crescimento do conhecimento não é previsível e as ações econômicas dependem fundamentalmente desse crescimento, a busca por regularidades no funcionamento dos mercados impõe uma camisa de força no potencial

criativo dos agentes. Não existem assim regularidades significativas na descrição do funcionamento dos mercados. O economista deve, pelo contrário, documentar historicamente o desenrolar desse processo criativo em processo de mercado passados.

Em síntese, ao buscar se livrar do modelo mecanicista de decisão neoclássico, Lachmann enfatiza o elemento criativo da ação humana diante de um ambiente marcado pela incerteza radical. Isso, porém, leva o autor a negar as limitações que a realidade econômica imporá à escolha dos agentes: na crença hayekiana original e na primeira fase da obra do autor, embora exista muitas formas possíveis de agir com algum sucesso, existe uma quantidade maior ainda de maneiras de cometer erros, que seriam prontamente eliminados nos mercados. Isso permitiria, por sua vez, encontrarmos regularidades no processo de mercado. Vejamos agora como Kirzner, partindo do mesmo problema – o Problema de Hayek – enfatiza justamente a existência dessas limitações à ação, desprezadas por Lachmann.

4. Israel Kirzner⁴

Israel Kirzner, que fez seu doutorado sob a orientação de Ludwig von Mises (KIRZNER, 1960), foi o economista mais importante no ressurgimento da EA nos EUA. A principal contribuição do autor à análise do processo de mercado foi o desenvolvimento de sua teoria da atividade empresarial. O autor parte de bases misesianas,⁵ desenvolvendo a noção de atividade empresarial contida no conceito fundamental de ação humana, incorporando posteriormente na análise o problema do conhecimento de Hayek, através da investigação do aprendizado do empresário.

Em seu primeiro livro, que trata das definições de Economia, Kirzner (1960) contrasta o agente maximizador de Lionel Robbins⁶ com o *Homo agens* de Mises. O primeiro é passivo; sua escolha é mecanicamente determinada por um exercício de alocação de meios escassos dados a fins alternativos conhecidos. Em contraste, a noção de ação humana de Mises é mais ampla; envolve a identificação mesma dos meios e fins, em vez de considerá-los como dados. O funcionamento do mercado e a

preponderância das forças equilibradoras só poderiam ser explicados se levarmos em conta agentes ativos que não se limitam a maximizar funções dadas, mas que apresentem comportamento empresarial. Vejamos como o autor ilustra a importância deste comportamento em seu segundo livro (KIRZNER, 1963).

Partindo-se de uma situação de ignorância inicial, um agente oferece um produto em um mercado. Ele pode cometer dois tipos de erros: ao encontrar um comprador que pague pouco, o agente pode realizar o negócio imaginando que não haverá oportunidades melhores. Ou, esperando uma oportunidade melhor, ele pode continuar oferecendo o produto por um preço elevado e não encontrar comprador no final do dia. Este último erro – erro de otimismo – tem fácil correção, pois o agente não realiza a venda e por isto suas expectativas são frustradas. Nada garante, no entanto, que o agente será capaz de descobrir o primeiro tipo de erro – de pessimismo; afinal, uma troca vantajosa já ocorreu. O que garante que serão descobertas melhores oportunidades? Para descobrir este tipo de erro, o agente precisa ter uma qualidade empresarial: buscar ativamente novas oportunidades de lucro. Com a ação empresarial, os erros de pessimismo são eliminados e o mercado se aproxima de um estado de equilíbrio. O ponto crucial é notar que, para que haja o equilíbrio, não podemos prescindir dos mecanismos que geram o incentivo para a detecção de erros do primeiro tipo, como faz a teoria convencional. Como apontara Hayek, esta teoria, ao se concentrar na descrição do equilíbrio, considera como dado o conhecimento que apenas surgiria com a atividade empresarial, excluída da teoria.

Em *Competição e Atividade Empresarial* (1985), seu principal livro, Kirzner define o empresário como aquele agente que apresenta um *estado de alerta* às oportunidades existentes de lucro até então desapercibidas. O estado de alerta é motivado pela busca de lucro econômico puro. As realidades subjacentes do mercado definem a existência de uma oportunidade de lucro, que é eliminada pela ação de empresários alertas, resultando em um aumento da coordenação entre os agentes. A ação empresarial exerce assim uma função equilibradora no mercado.

O estado de alerta, contudo, não pode ser definido meramente como um recurso produtivo. Conhecimento técnico superior, por exemplo, tem

um valor de mercado estimado e pode ser contratado pelo empresário. O estado de alerta, ao contrário, leva à descoberta de oportunidades até então insuspeitas; o lucro empresarial surge como algo obtido em troca de nada. A atividade empresarial não pode ser incorporada em um problema de escolha com o seu benefício incorporado em uma estrutura conhecida de meios e fins.

A competição no mercado é identificada com a rivalidade entre empresários para oferecer alternativas superiores aos consumidores, e como o estado de alerta não pode ser tratado como um recurso e tampouco ser monopolizado, a atividade empresarial é sempre competitiva, desde que um recurso material não seja controlado por um único agente. Práticas tidas como monopolísticas pela teoria da competição perfeita, como disputa por credibilidade, publicidade ou variação de produtos, são consideradas como atividades fundamentais no processo competitivo.

Em obras posteriores (1979), Kirzner procura avançar a teoria misesiana da atividade empresarial incorporando na análise a preocupação hayekiana sobre aprendizado dos agentes, desenvolvendo o estudo do crescimento do conhecimento dos empresários durante o processo de obtenção de coordenação nos mercados.

A partir desse ponto a obra de Kirzner será influenciada cada vez mais pelas obras de Hayek, Lachmann e Shackle. A incorporação das implicações do subjetivismo destes dois últimos autores à teoria da atividade empresarial, contudo, procurará rejeitar a negação da preponderância das formas desequilibradoras derivada da ênfase na incerteza radical e afirmar a existência de oportunidades empresárias passíveis de serem apreendidas pelos empresários, o que levaria à coordenação das ações nos mercados:

It would be a bizarre irony indeed if the modern revival of the Austrian tradition, begun over a century ago as a brave defense of economic theory (against a dominant tide of historicism), were to find its most sophisticated expression in the denial of any possibility for systematical market forces susceptible to general analysis. (KIRZNER, 1994:40)

Entre os temas tratados no livro de 1979, o autor estuda a importância do erro econômico. Se no processo de mercado partimos de uma situação inicial de ignorância dos agentes, os erros são inevitáveis e a atividade empresarial agirá no sentido de eliminá-los.

O processo de aprendizado, contudo, não pode ser estudado da mesma maneira como é feito pela Economia da Informação. Nessa abordagem, os erros ocorrem em um contexto de ignorância ótima (sob o ponto de vista do agente): os custos da aquisição de informação adicional não compensam os seus benefícios. Os agentes escolhem assim se sujeitar a certo nível de erros. A busca deliberada por informações, novamente, pressupõe uma estrutura dada de meios e fins. Mas, poder-se-ia objetar, como saber o valor de uma informação antes de adquiri-la? Ou o conhecimento necessário para gerar essa estrutura de fins e meios é gerado em outros mercados, caso em que teríamos um regresso infinito, ou se reconhece em algum momento conhecimento que não é fruto de busca deliberada.

O conhecimento gerado sem ser planejado é fruto de que Kirzner (1979:142) chama de “aprendizado espontâneo”, associado à atividade competitiva dos empresários. O erro empresarial é então definido pelo autor como falta de percepção das oportunidades existentes de lucro. Tais erros são eliminados durante o processo competitivo, desde que ocorram as condições necessárias para a atuação empresarial.

A ênfase na existência de oportunidades objetivas de redução dos erros empresariais que encontramos na obra de Kirzner nos coloca questões metodológicas opostas àquelas que consideramos ao analisar a opinião de Lachmann. Para Kirzner, a ligação entre os dados subjetivos e as realidades subjacentes é direta: as oportunidades de lucro são apenas percebidas ou não. Não se enfatiza, como em Popper, o conhecimento conjectural: para um agente popperiano, um erro econômico poderia surgir da implementação de uma hipótese errônea sobre quais seriam as realidades subjacentes do mercado. A qualidade da contribuição de Lachmann, nesse sentido, é derivada da ênfase no caráter criativo da ação empresarial. Em Kirzner, porém, a ligação direta entre dados e realidades foi um preço que o autor pagou por enfatizar a existência real de oportunidades de lucro. O processo de mercado só pode ser descrito

como equilibrador se postularmos uma realidade objetiva passível de ser descoberta pelos agentes.

O contraste entre a resposta “idealista” de Lachmann com a resposta “realista” de Kirzner ao problema do conhecimento de Hayek se relaciona naturalmente com a natureza epistemológica deste problema: o estudo do crescimento do conhecimento, aplicado ao contexto particular do conhecimento dos empresários, não dos cientistas. A tensão entre as duas respostas deu origem, na década de oitenta, a um debate interno a EA, a respeito da preponderância das forças equilibradoras ou desequilibradoras no processo de mercado.

5. Os Debates da Década de Oitenta

A partir do ressurgimento na década de 70, a EA presenciou uma série de debates entre seus membros. Boa parte desses debates podem ter suas origens traçadas a partir das diferenças metodológicas dos autores envolvidos. Rothbard, o terceiro grande economista do ressurgimento da EA, por exemplo, rejeita o problema do conhecimento de Hayek tendo em vista as idéias metodológicas de Mises.⁷ Estas, por sua vez entraram em choque com a metodologia hermenêutica proposta por Lachmann. Contudo, o debate principal surgiu do contraste das visões de Lachmann e Kirzner sobre a natureza do processo de mercado. O primeiro acreditava na preponderância das forças desequilibradoras, enquanto que o segundo via a atividade empresarial como eminentemente equilibradora. Para o primeiro, a teoria de equilíbrio seria inútil, pois o mercado deveria ser visto como um caleidoscópio (metáfora preferida de G. Shackle, 1976), caracterizado por um novo iniciar a cada instante, impellido por mudanças inesperadas que frustram qualquer tentativa de obtenção de um estado de repouso. Para o segundo, embora o processo de mercado nunca atinja o equilíbrio, os fundamentos da economia são estáveis o bastante para postularmos um processo de correção de erros e aumento da coordenação ao longo do tempo. Kirzner acredita que empiricamente podemos observar algum grau de ordem nos mercados

– a ordem espontânea de Hayek – e que a tarefa da Economia seria justamente explicar essa ordem.

Diante das opiniões contrastantes de Lachmann e Kirzner, Garrison (1982) sugere que a EA deva ocupar, como de fato vem ocupando, uma posição intermediária entre as posições extremas em relação ao subjetivismo e uso do conceito de equilíbrio. A teoria neoclássica sempre trata de estados de equilíbrio e tende a limitar as considerações subjetivistas, enquanto que Lachmann nega qualquer uso para a noção de equilíbrio e defende o subjetivismo radical, em companhia dos autores pós-keynesianos. O primeiro extremo reduz a escolha humana a um cálculo mecânico e passivo, enquanto que o segundo, motivado pelo subjetivismo radical, tende a negar a possibilidade de análise de relações econômicas estáveis, buscando refúgio no historicismo.

Segundo Garrison, o que possibilita a defesa da posição intermediária é o reconhecimento da existência das realidades subjacentes ao processo de mercado. Embora o futuro seja indeterminado e dependa de nossas expectativas, existem limites ao que pode ocorrer: as preferências e dotações de recursos não mudam radicalmente, as possibilidades técnicas de transformação de um bem em outro também se alteram gradualmente. Expectativas radicalmente incompatíveis com essas realidades subjacentes tenderiam a ser eliminadas do mercado, na medida em que planos de ação baseados nas mesmas tendem a ser frustrados, embora, naturalmente, não possamos prever que configurações exatas sobreviverão ao teste de mercado. Ainda assim, podemos reter o caráter criativo e imprevisível da ação empresarial em uma teoria que reconhece a existência de limites à ação humana possível impostos pela realidade subjacente.

Postura semelhante pode ser encontrada no livro de O’Driscoll e Rizzo (1996), obra austríaca mais significativa na década de oitenta, que pode ser visto como uma tentativa de conciliação das duas posições. Para seus autores, a teoria econômica deve investigar a maneira com que as pessoas lidam no mercado com a inevitável presença da ignorância e da passagem do tempo. Como solução ao problema do conhecimento de Hayek, os autores propõem o uso da noção hayekiana de previsão de padrões (HAYEK, 1967). Embora não possamos prever com precisão

como evoluem os elementos particulares de uma estrutura complexa, podemos – com base na existência de limitações às ações humanas – realizar previsões de elementos típicos ou padrões gerais da evolução do sistema. Podemos, por exemplo, prever o surgimento de excesso de demanda diante da imposição de um preço máximo, sem saber a magnitude deste excesso. A observação da magnitude exata desse excesso, impossibilitada pela quantidade de variáveis que afetam o fenômeno, não subtrai a validade da previsão de padrão. Nos termos de O’Driscoll e Rizzo, o mercado pode resultar na coordenação entre os elementos *típicos* da ação humana, mas não dos elementos *únicos*. Deste modo, podemos ver o futuro como ao mesmo tempo incerto e limitado pelas realidades subjacentes, conciliando-se assim as duas posições.

6. A Solução Popperiana do Problema de Hayek

Essa postura intermediária, que procura reter as qualidades das contribuições de Lachmann e Kirzner e ao mesmo tempo descartar seus defeitos, pode ser calcada em uma alternativa metodológica geralmente ignorada no debate entre os austríacos. Por um lado Lachmann enfatizou a criatividade, a diversidade e o caráter hipotético das conjecturas empresariais. Por outro Kirzner salientou o processo de correção de erros diante das realidades subjacentes. Seria possível levar em conta simultaneamente esses aspectos em uma teoria unificada do processo de mercado?

De fato, o caráter hipotético e falível das hipóteses, a crença na existência de uma realidade exterior e o desenvolvimento de uma teoria de aprendizado por tentativas e erros se encontram na filosofia da ciência de Karl Popper, que pode ser utilizada para gerar essa unificação e fornecer uma solução adequada ao problema de Hayek, solução essa que propomos em seguida.

A metodologia popperiana tende a ser desconsiderada pelos austríacos devido ao fato de que, em Economia, a obra de Popper é reduzida ao estudo do critério de demarcação falseacionista, associado à defesa do uso de métodos empíricos, de maneira a se aproximar de uma postura positivista que rejeita, por exemplo, a introspecção, cara aos

austriacos.⁸ A característica central da filosofia de Popper, contudo, é o seu falibilismo – a crença no caráter sempre provisório do conhecimento e a conseqüente necessidade de competição entre idéias como forma de avançar tal conhecimento (POPPER, 1972). Se retivermos a essência da filosofia de Popper, podemos aplicá-la à solução do problema de Hayek. Afinal, o liberalismo deste último é também calcado em um argumento falibilista: para ele, a defesa da liberdade individual repousa justamente no reconhecimento da inescapável limitação do nosso conhecimento diante da complexidade dos problemas de coordenação em sociedade (O'DRISCOLL, 1977).

O crescimento do conhecimento, na concepção de Popper, é muito semelhante à descrição austríaca do processo de mercado, já que para este autor o conhecimento científico evolui por um processo de conjecturas e refutações, do mesmo modo que os austríacos crêem na evolução do conhecimento empresarial por tentativas e erros. Harper (1996) percebe essa semelhança e aplica as idéias de Popper ao estudo do aprendizado dos empresários, desenvolvendo a teoria de Kirzner na mesma direção. O estado de alerta empresarial deste último é substituído por um sistema de conjecturas empresariais. Os empresários desenvolvem teorias sobre demanda e produção e as submete a testes (crítica de colegas, análises de viabilidade de negócios e teste no mercado), o que resulta (ou não) em refutações das teorias empresariais.

O erro, nesse contexto, não é visto como falha da faculdade de alerta empresarial, mas como uma conjectura refutada. Por outro lado, as teorias, tanto em Popper (teorias científicas) quanto em Lachmann (teorias empresariais), não são derivadas da observação direta, pois os dados são influenciados pelos problemas e concepções prévias (*são theory laden*). O conhecimento não é perfeito e, portanto, na formulação das teorias empresariais existe espaço para a imaginação e a criatividade do agente enfatizadas por Lachmann. A diferença entre os agentes, portanto, não se reduz, como na Economia da Informação, a conjuntos de informações diferentes. Na teoria de processo austríaca, os mesmos “dados” podem ser vistos segundo as interpretações diferentes dadas pelas diversas teorias empresariais dos diferentes agentes. Novamente, enquanto na Economia da Informação supõe-se que todos conhecem o modelo correto da

economia (esta está sempre em equilíbrio), na EA o aprendizado de um modelo melhor é o próprio objeto a ser investigado.

Porém, na versão popperiana do processo de mercado, abandona-se o niilismo derivado da descrença lachmaniana em um mecanismo de eliminação de erros. Ao contrário do que ocorre na ciência, o processo de refutação de hipóteses erradas não é controlado totalmente pelos agentes. Enquanto os cientistas podem decidir não aceitar uma refutação e refugiar-se em uma postura dogmática, o empresário sofreria perdas monetárias ao se deter por muito tempo em hipóteses empresariais errôneas. O próprio sistema de preços – através do sistema de lucros e perdas – impõe um processo impessoal de seleção, que interage com o processo seletivo subjetivo controlado pelos empresários que mencionamos acima. Isso faz com que a natureza criativa e subjetiva das hipóteses não se descole muito das limitações impostas pela realidade econômica subjacente. Podemos então acreditar na possibilidade de previsões de padrão rejeitadas anteriormente por Lachmann por conta de seu subjetivismo radical.

A possibilidade de uma hipótese empresarial ser refutada indevidamente por causa da atuação de outros fatores simultâneos que tornaram um negócio inviável é análoga em metodologia à impossibilidade de obtermos uma refutação científica definitiva de uma teoria quando hipóteses auxiliares são testadas simultaneamente (tese Duhem-Quine). Para um autor popperiano, não existe conhecimento justificado plenamente. Inclusive as críticas são falíveis. A possibilidade de crítica errada deveria levar não à proteção dogmática das idéias, mas sim a um empenho ainda maior em realizar mais críticas. No mercado, da mesma forma, a teoria de processo competitivo não fornece um guia sobre que mercados são os mais lucrativos, mas descreve o mecanismo pelo qual as oportunidades de lucro são descobertas.

Como nota Bartley (BARTLEY e RADNITZKY 1987), tanto a teoria de Hayek quanto a de Popper são exemplos de uma teoria de aprendizado mais amplo: a resolução de problemas por um processo de variação e seleção. Os dois processos são exemplos da disciplina geral denominada Epistemologia Evolucionária. Partindo de uma situação inicial de ignorância, é importante a diversidade de tentativas (mutações), pois não

sabemos *a priori* a solução correta de um problema. Este elemento de variação é enfatizado por Lachmann. Estas hipóteses empresariais rivais são submetidas a um processo de eliminação de erros (seleção) dado pelo mecanismo de lucros e perdas, que reflete a compatibilidade das hipóteses às realidades subjacentes. Este elemento seletivo é enfatizado por Kirzner. O processo de mercado é descrito como a convergência dos “dados” às realidades por um mecanismo de tentativas e erros.

Isso tudo convida a sugestão de que o futuro da EA deve estar relacionado com o desenvolvimento de uma abordagem evolucionária para a Economia, como de fato advoca Witt (1992) e outros autores neoaustríacos. A exploração das semelhanças e diferenças entre os processos evolutivos na natureza, na ciência e no mercado, como sugere a epistemologia evolucionária, promete ser um fértil campo para o desenvolvimento da compreensão de como o mercado funciona segundo a concepção austríaca. Nessa concepção, o mercado é visto como uma ordem espontânea que permite que os agentes superem o problema de coordenar suas atividades diante de conhecimento falível e disperso sobre a infinita complexidade das circunstâncias que os envolvem.

Notas

- ¹ Aqueles interessados em um apanhado das idéias econômicas de Hayek devem consultar Shackle (1988) e Machlup (1976).
- ² Nascido na Alemanha em 1906, Lachmann estudou sob a orientação de Hayek na *London School of Economics* na década de trinta. Migrou para a África do Sul em 1948, onde foi professor até sua aposentadoria, a partir do que passou a lecionar um semestre por ano na Universidade de Nova Iorque até sua morte em 1990.
- ³ O objetivo do que se segue não é expor as teorias austríacas em detalhes, mas salientar certos elementos das mesmas que corroboram as teses que desenvolvemos neste artigo. Para uma introdução ao pensamento da nova geração de austríacos, ver Barbieri (2001), Dolan (1976) ou Vaughn (1998).
- ⁴ Israel Kirzner, outro personagem chave no ressurgimento da EA, nasceu em 1930 na Inglaterra. Estudou e trabalhou na Universidade de Nova Iorque, onde se aposentou recentemente como professor.
- ⁵ Ver Mises [1949].
- ⁶ Robbins (1932). Embora Kirzner contraste a opinião de Robbins com a de Mises (1990), o ensaio metodológico do primeiro é fortemente influenciado pela obra do segundo.

- ⁷ Dado que delimitamos o nosso tema ao problema de Hayek, excluimos deste artigo a análise da obra de Rothbard. Uma excelente exposição da postura metodológica de Rothbard e a conseqüente crítica à postura hayekiana pode ser encontrada em Selgin (1990).
- ⁸ Popper (1980) critica o subjetivismo austríaco em favor de uma postura mais empiricista em ciências sociais. Hayek (1967), por outro lado, adapta a metodologia popperiana para o estudo de fenômenos complexos.

The Revival of Austrian Economics and the Theory of Market Process

Abstract: The purpose of this article is to investigate some of the contributions to the theory of market process made by the most important economists of the Austrian School since its revival in the seventies. We initially pose the problem the theory of market process deal with, using what is known as Hayek “knowledge problem”, derived from his critique of neoclassical equilibrium concept. After this, we study the contributions of the two leading figures of the revival, Ludwig Lachmann and Israel Kirzner. The investigation focus on the former’s study of the implications of subjectivism to market process theory and the latter’s theory of entrepreneurship. After that, we deal with the debate that happened in the 80’s, confronting the views of the two authors concerning the existence of a tendency toward market equilibrium. The work of the authors, the debate among them and the latter contributions are discussed under the view of Popper’s evolutionary epistemology.

Key words: Hayek, Lachmann, Kirzner, Austrian School, competition.

Referências

- BARBIERI, F. *O Processo de Mercado na Escola Austríaca Moderna*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo – FEA, 2001.
- BARTLEY III, W.W. e RADNITZKY, G *Evolutionary Epistemology, Rationality and the Sociology of Knowledge*. La Salle: Open Court, 1987.
- DOLAN, E. *Foundations of Modern Austrian Economics*. Kansas: Sheed Andrews and McMeel, 1976.

GARRISON, R. Austrian Economics as the middle ground: comment on Loasby. em KIRZNER, I. (ed.) *Method, Process and Austrian Economics*. Lexington: D.C. Heath, 1982.

HAYEK, F.A. The Theory of Complex Phenomena. In: Hayek, F.A. *Studies in Philosophy, Politics and Economics*. London: Routledge, 1967.

HAYEK, F.A. Competition as a Discovery Procedure. em **New Studies in Philosophy, Politics and Economics**, 1978.

HAYEK, F.A. *Individualism and Economic Order*. Chicago: Chicago University Press, 1980 [1948].

HARPER, D. *Entrepreneurship and the Market Process – An inquiry into the growth of knowledge*. London: Routledge, 1996.

IKEDA, S. The Market Process em BOETTKE, P. (ed.) *The Elgar Companion of Austrian Economics*. Cheltenham: Edward Elgar, 1994.

KIRZNER, I. *The Economic Point of View*. Kansas: Sheed and Ward, 1976 [1960].

KIRZNER, I. *Market Theory and the Price System*. Princeton: Van Nostrand, 1963.

KIRZNER, I. *Competição e Atividade Empresarial*. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1985 [1972].

KIRZNER, I. *Perception, Opportunity and Profit*. Chicago: University of Chicago Press, 1979.

KIRZNER, I. On The economics of time and ignorance. In: Boettke, (ed.) *The Elgar Companion of Austrian Economics*. Cheltenham: Edward Elgar, 1994.

LACHMANN, L. *The Structure of Capital*. Kansas City: Sheed, Andrews and McMeel, 1956.

LACHMANN, L. *The Legacy of Max Weber*. Berkeley: The Glendessary Press, 1971.

LACHMANN, L. *The Market as an Economic Process*. Oxford: Basil Blackwell, 1986.

- MACHLUP, F. Hayek's Contribution to Economics. In MACHLUP, F. (ed) *Essays on Hayek*. Nova Iorque: New York University Press, 1976.
- MISES, L. von **Ação Humana**. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1990 [1949].
- O'DRISCOLL, G.P. *Economics as a Coordination Problem: the contributions of Friedrich A. Hayek*. Kansas: Sheed Andrews and McMeel, 1977.
- O'DRISCOLL, G. e RIZZO, M. *The Economics of Time and Ignorance*. London: Routledge, 1996 [1985].
- POPPER, K.R. *Objective Knowledge*. Oxford: Clarendon Press, 1972.
- POPPER, K.R. *A Miséria do Historicismo*. São Paulo: Cultrix, 1980.
- ROBBINS, L. *An Essay on the Nature and Significance of Economic Science*. Londres: McMillian, 1932.
- SELGIN, G. *Praxeology and Understanding*. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 1990.
- SHACKLE, G.L.S. *Epistemica y Economia*. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1976.
- SHACKLE, G.L.S. Hayek as Economist. In *Business, Time and Thought*. Nova Iorque: New York University Press, 1988.
- SPADARO, L. (ed.) *New Directions in Austrian Economics*. Kansas: Sheed Andrews and McMeel, 1978.
- VAUGHN, K. *Austrian Economics in America: The Migration of a Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- WITT, U. Turning Austrian Economics into an Evolutionary Theory. In: CALDWEL, B. e BOEHM, S. (eds.) *Austrian Economics: Tensions and New Directions*. Norwell: Kluwer Academic Publishers, 1992.

Recebido para publicação em agosto de 2008
Aprovado para publicação em setembro de 2008